

Conferência pode chegar ao fim sem consenso

Impasse sobre a escravidão e o conflito palestino-israelense ameaça tornar um fracasso o encontro na África

• DURBAN, África do Sul. A Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, anunciada como o maior esforço mundial conjunto já feito contra a discriminação, poderá chegar ao fim hoje sem uma declaração final. O encontro está sendo marcado por infundáveis discussões sobre o conflito palestino-israelense e a questão do pedido de desculpas pela escravidão e pelo colonialismo.

Já enfraquecido pela saída dos Estados Unidos e de Israel na segunda-feira, o encontro viu ontem uma proposta conciliatória da África do Sul para acabar com o impasse sobre o Oriente Médio ser bombardeada pela Liga Árabe e pela Organização da Conferência Islâmica (OCI), que reúne mais de 50 países muçulmanos. A comunidade islâmica considerou insuficiente a proposta, que reconheceria o sofrimento dos palestinos e seu direito a ter um país, mas ao mesmo tempo, retiraria do documento final a classificação de Israel como Estado racista.

A União Europeia (UE) recebeu favoravelmente as idéias apresentadas pela África do Sul, que incluem o reconhecimento do direito de todos os Estados, inclusive Israel, à segurança.

— É uma resposta mínima às nossas preocupações. Ninguém está totalmente contente, mas em vista dos textos que circulavam antes, este constitui um progresso real — disse o porta-voz da UE, Koen Vervaeke.

Europa e África não se entendem

• Para os representantes islâmicos, no entanto, o documento é inaceitável. Um diplomata disse que ele não é compatível com a gravidade da situação em que vivem os palestinos. O paquistanês Munir Akram, que preside o grupo de contato da OCI na conferência, classificou a proposta sul-africana de distante da posição dos países islâmicos.

— Seria necessário fazer mudanças para que o documento fosse aceito — disse.

Já o embaixador palestino na África do Sul, Salman El-Harfi, preferiu não comentar o texto e acusou os países ocidentais de usar o conflito no Oriente Médio como cortina para evitar debater a questão da escravidão.

Na tentativa de romper o impasse em torno desse tema, que põe em campos opostos os países da Europa e da África, a UE apresentou um projeto alternativo às exigências africanas de um pedido de desculpas pela escravidão e pelo colonialismo. O Grupo Africano também insiste na admissão de que tanto aquela como este foram crimes contra a Humanidade. Embora reconhecendo os erros

e os males do colonialismo, da escravidão e do tráfico de escravos, os europeus rejeitam tal possibilidade e admitem no máximo que tais práticas seriam consideradas crimes contra a Humanidade se fossem cometidas nos dias de hoje.

— Está difícil um consenso para a redação dos documentos finais da conferência — disse o embaixador Gilberto Sabóia, chefe da delegação do Brasil e coordenador do grupo de trabalho que estuda a questão da reparação pela escravidão.

Brasil se põe ao lado dos gays

• No grupo de trabalho que estuda a lista de vítimas de racismo e discriminação, o representante do Brasil, ministro Tadeu Valadares, diretor-geral do Departamento de Direitos Humanos e Temas Sociais do Itamaraty, defendeu uma referência àqueles que possam ser discriminados por causa de sua orientação sexual:

— Esse texto tem o mérito de deixar claro que um aspecto da realidade humana não deve nem pode mais ser negado. Indivíduos que são vítimas de racismo, discriminação racial, xenofobia e diversas formas de intolerância correlatas, em muitos casos podem também sofrer discriminação baseada em sua orientação sexual.

O representante do Iraã rejeitou a proposta, por alegadas questões religiosas, mas o delegado do Vaticano, que também não aceita essa posição, manteve-se calado. O entusiasmo provocado entre militantes de ONGs pela argumentação do diplomata brasileiro foi tanto que a Síria pediu a retirada deles da sala de reunião. Os homossexuais organizaram uma festa para celebrar o avanço da proposta, mesmo que ela não venha a ser aprovada, com um coquetel, à noite, na sede da Associação de Gays e Lésbicas de Durban.

Na improvisação de manifestações paralelas que todos os dias agitam a Conferência contra o Racismo, o destaque de ontem foi para os ciganos. Saídos de vários países do mundo, eles desfilaram com cartazes nos quais pediam o fim da violência e da discriminação. Embora sejam conhecidos com esse nome em países como Brasil, Espanha e Itália, os ciganos não querem ser chamados de ciganos, mas sim de rom (roma, no plural).

— Os ciganos são discriminados na América Latina, mas na Europa é pior porque lá há racismo e perseguição — disse o argentino Jorge Martin Fernandez Bernal, um dos líderes do protesto. ■